O TRABALHO DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR, NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira
Doutora em Educação – Professora do Programa de Pós- Graduação em Educação -PUCMINAS
dorinhapuc@hotmail.com

Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino
Mestre em Educação UFMG- PBH
jussarapaschoalino@yahoo.com.br

Virgínia Coeli Bueno de Queiroz Matias
Mestre em Educação PUCMINAS – FUMEC
virginiacfq@yahoo.com.br

I – Introdução

Este estudo se debruça sobre a questão do trabalho docente, sobretudo, no âmbito do ensino superior, que vem sofrendo influências da denominada Pós-modernidade.

As tensões no trabalho docente se manifestam no contexto atual, marcado pela globalização, pelo neoliberalismo, pela sofisticação das tecnologias informacionais e comunicacionais, e pelo primado da denominada Pós-modernidade, que impactam os setores societário e produtivo interferindo, significativamente, na constituição do ser humano que adentra no espaço escolar.

As relações estabelecidas na sociedade atual são marcadas por fragilidades e inconsistências que comprometem o trabalho do professor.

Esse artigo está dividido em partes; na primeira, contextualiza-se o panorama vivenciado pelo capitalismo atual, que traz implicações para a sociedade, para as relações interpessoais e para o setor produtivo. Na segunda

parte, é feita uma reflexão sobre a concepção de homem, que vem sendo delineado, que se traduz no homem ligth. Na terceira parte analisam-se os impactos que a sociedade contemporânea vem provocando no campo educacional.

E por fim, são tecidas considerações sobre o trabalho docente e, sobretudo, do professor do ensino superior.

II – Capitalismo Contemporâneo: Seus desdobramentos na sociedade.

Os impasses e os problemas vivenciados pela sociedade e pela educação brasileira, na atualidade, só podem ser entendidos se analisados à luz do capitalismo vivenciado neste início de século, na complexidade de suas dimensões teórica, econômica, social, política e ética (CHAUI, 1994, apud OLIVEIRA, 1998).

No âmbito teórico, presencia-se uma profunda crise da razão[1], acirrada a partir da denominada Pós-modernidade que, assentada em uma tetralogia niilista-hedonismo, consumismo, permissividade e relativismo, promoveu a ruptura com conceitos e valores tradicionais, já consagrados, e instaura uma multiplicidade caótica de princípios que passam a se impor como verdades inquestionáveis e infalíveis.

Os impactos do pós-modernismo colocam em evidência mudanças radicais que podem ser enfocadas como a falência das metanarrativas, que deixou sem sustentação a perspectiva da universalidade mais democrática da história humana. Nesse cenário, emerge a pluralidade, cada vez mais "heterogênea, de estilos de vida e jogos de linguagem, que permeiam a nossa

[1] Essa crise da razão se traduz em um grande conflito teórico, assentado nas seguintes contradições: à objetividade contrapõe-se o subjetivismo narcísico; à continuidade temporal e ao sentido da história contrapõem-se o descontínuo, o contingente e o local; às instituições fundadas na lógica da dominação ou da liberdade, contrapõem-se micro-poderes que disciplinam o social; as categorias gerais (universalidade, objetividade e ideologia) contrapõem-se a diferença, a alteridade, a subjetividade, a contingência, a descontinuidade e a primazia do privado sobre o público.

sociedade hodierna. "A instabilidade de uma verdade única é reconhecida por todas as áreas de conhecimento". (HARVEY, 2005, p. 19).

Nesse sentido, Harvey (2005) enfatiza que, para se entender o Pós-modernismo é preciso compreender o curso da história que vem se alterando, em um sucessivo devir. A flexibilidade das relações, a descentralização dos comandos e o individualismo exacerbado que passaram a serem eixos fundamentais, para peculiarizar as visões de mundo, homem e, particularmente, de educação.

Na área econômica, a crise se vincula à decadência do padrão de acumulação e regulação produtiva, decorrente do processo de transnacionalização do capital e da primazia do setor financeiro.

A acumulação flexível do capital vem desestabilizando os pequenos empresários que se percebem "engolidos" pelas grandes redes, que se estabelecem, temporariamente, à procura de maiores lucros. O redimensionamento do tempo e do espaço das grandes empresas produz uma economia de escopo intensificando o trabalho do trabalhador que passa a executar múltiplas tarefas, simultaneamente.

No plano ideológico, ao mesmo tempo em que se defende a falência do socialismo real e a vitória insofismável do capitalismo, apregoa-se o fim das utopias, das ideologias e das classes.

Nesse contexto, a concepção neoliberal que dá sustentação a essas idéias vem se apresentando sob a capa da inevitabilidade e como sendo a única saída possível para solucionar a crise atual. (OLIVEIRA, 1994).

Na dimensão ética, firmam-se os "valores" de uma ética pragmática, utilitarista e imediatista, fundada em princípios hobbesianos, pelos quais todos devem lutar contra todos. Trata-se, então, de uma "ética" que, processando e reatualizando o darwinismo social, banaliza a pobreza e naturaliza a miséria e a exclusão social.

Toda essa conjuntura pós-moderna se materializa no campo sócio-educacional, destituindo verdades, crenças e acarretando o fim das ilusões e utopias.

Para Geertz (2001) o liberalismo se coloca em conflito com as especificidades e singularidades de cada cultura, difundindo ideais universalistas da cultura ocidental.

> [...] o liberalismo, tanto do tipo econômico, da utopia do mercado, quanto do tipo político, da sociedade civil deixou de ser uma fortaleza ideológica para metade do mundo e se tornou uma proposta moral para todo ele-, o grau em que o próprio liberalismo é um fenômeno culturalmente específico, nascido e aperfeiçoado no Ocidente, tornou-se, paradoxalmente, muito mais evidente. O próprio universalismo com que ele se compromete e que promove, sua intenção cosmopolita, colocou-o fracamente em conflito com outros universalismos de intenção semelhante, muito particularmente com o proposto por um islamismo ressurgido, e, com um grande número de visões alternativas do bom, do certo e do indubitável- a japonesa, a indiana, a africana ou a de Cingapura-. Para as quais ele parece ser apenas mais uma tentativa de impor os valores ocidentais ao resto do mundo: a continuação do colonialismo por outros meios.(GEERTZ, 2001 p.226).

Apesar das resistências à universalidade do liberalismo ocidental, os mecanismos da globalização do capitalismo têm obtido sucesso, ao atingir a permeabilidade das diferentes culturas.

Na dimensão teleológica, também ocorreram mudanças cruciais que interferiram na concepção de homem. Assim, o homem é entendido como voltado para o imediatismo, o prazer, o consumo, sem normas uma vida pela eticidade, sem tecer sonhos e utopias para uma vida pessoal e societária mais digna e igualitária.

Na perspectiva religiosa, a flexibilidade e os sincronismos se entrelaçam e o homem é divinizado. "[...] A divinização do Eu assim obtida, é o correlato

da negação do divino: toda teologia pode, a partir de então, reduzir-se à antropologia." (BARRETO, 2001, p. 329).

Nesse contexto, constatam grandes mudanças na concepção de homem, anteriormente, priorizada, pois na atualidade, a competitividade e a falta de solidariedade exacerbam o individualismo, entronizando pseudovalores.

As TICs se tornaram fins e passaram a influenciar os homens e a sociedade, indistintamente. Se por um lado, a aproximação entre os homens se dá, muitas vezes, devido ao desejo de ser semelhante; por outro lado, é marginalizada grande parte da população, que não consegue entrar nesse "mundo" marcado pelo consumismo desenfreado.

Dessa forma, o homem se afunda em abismos cada vez mais profundos seduzidos pelos apelos midiáticos, que o leva a querer possuir os produtos veiculados, como se fosse um "elixir" da felicidade.

III - Pós-Modernidade, formação do homem light e o acirramento do individualismo.

Não existe um consenso sobre o uso da denominação: Pós-modernidade; a grande maioria dos teóricos se mostra reticente em relação ao pós-moderno. Muitos indagam se existe mesmo um tempo da pós-modernidade e porque não apenas falar em panorama contemporâneo? Outros afirmam tratar-se de uma temática que diz respeito aos países ricos, nos quais as sociedades, impregnadas, de um consumismo e individualismos crescentes estão saturadas de tanto conforto, de automóveis e de parafernálias eletro-eletrônico.

Finalmente, há aqueles que conhecendo o pensamento pós-moderno, dele se afastam por considerá-lo reacionário em suas teses sobre o "fim da política", o 'fim da história", o "fim do iluminismo". (SILVA, 2000).

Por isso mesmo considera-se que se faz necessário estabelecer um debate sobre o moderno e o pós-moderno.

Aronowitz (1989) elaborou um quadro sinóptico que ajuda a compreender as diferenciações entre o moderno e o pós-moderno. Esse quadro se traduz nas seguintes diferenciações: Redes de percepção e conhecimento (Modernidade: imprensa; Pós-modernidade: áudio visual; figura de tempo (Modernidade: Linha-história; Pós-modernidade: Ponto, atualidade) Idade Canônica (Modernidade: Adulto; Pós-modernidade: Jovem); Organon Simbólico (Modernidade: Ideologias; Pós-modernidade: Iconografia; Classe Espiritual (Modernidade: intelectuais e sacrossanto o conhecimento; Pós-modernidade: Mídia e sacrossanta a informação; Referência legítima (Modernidade: O ideal; Pós-modernidade: a Performance; Motor de obediência (Modernidade: a lei; Pós-modernidade: a opinião; (Modernidade: a publicação; Pós-modernidade: a aparição); Estatuto do Indivíduo (Modernidade: cidadão; Pós-modernidade: o consumidor); Meio de Identificação (Modernidade: o herói; Pós-modernidade: a Star); Dicção de Autoridade Pessoal. (Modernidade: li no livro; Pós-modernidade: vi na tv); Regime de autoridade (Modernidade: o legível; Pós-modernidade: o visível); Centro de gravidade (Modernidade: a consciência; Pós-modernidade: o corpo).

As diferenciações apresentadas podem colaborar para a compreensão das grandes transformações sócio-culturais e educacionais que extrapolam as fronteiras geográficas e econômicas, na contemporaneidade.

> [...] o pós-modernismo, com sua ênfase na efemeridade da jouissance[2], sua insistência na impenetrabilidade do outro, sua concentração antes no texto do que na obra, sua inclinação pela desconstrução que beira o niilismo, sua preferência pela estética, em vez da ética, leva a coisa longe demais. Ele as conduz para além do ponto em que

[2] *Jouissance,* em francês, se junta "sentido" com "gozar", mas "gozo" em francês *é jouissance.* Posso brincar com esse termo dizendo que gozo desse sentido; "jouir du sens" - que, de uma forma breve, seria "gozar do sentido".In:FORBES,Jorge. Você é isto. http://www.educacaoonline.pro.br/art_voce_e_isto.asp?f_id_artigo=9

> acaba a política coerente, enquanto corrente que busca uma acomodação pacífica com o mercado o envereda firmemente pelo caminho de uma cultura empreendimentista que é o marco do neoconservadoriamo reacionário. Os filósofos pós-modernos nos dizem que não apenas aceitemos mas até nos entreguemos às fragmentações e à cacofonia de vozes por meio das quais os dilemas do mundo moderno são compreendidos. Obcecados pela desconstrução e pela deslegitimação de toda espécie de argumento que encontram, eles só podem terminar por condenar suas próprias reivindicações de validade, chegando a ponto de não restar nada semelhante a uma base para a ação racional. (HARVEY, 2005, p. 112).

Esse contexto pós-moderno, reitera-se, vem forjando o denominado homem pós-moderno, cognominado por Rojas (1996), de homem light, que tem o seguinte perfil: trata-se de um homem relativamente bem informado, mas sem profundidade e de escassa formação humanista, muito voltado ao pragmatismo, tudo lhe interessa, mas de forma superficial. É trivial, frívolo, sem critérios de conduta (ROJAS, 1996, p. 13).

Em síntese, o homem light é frio, sem paixões, apegado a uma moral íntima/privada; tudo nele se torna etéreo, leve, volátil, banal, permissivo. Três aspectos peculiares o distinguem: o hedonismo, a permissividade e o individualismo. Seu código de ética centra-se no relativismo, que o leva à tolerância e à indiferença. Seu objetivo e meta se consubstanciam no consumismo exacerbado.

Essas características do homem light o levam ao individualismo, a uma pseudoliberdade, a uma permissividade, ao comodismo a denominada melancolia pós-moderna.

Esse homem light, deixa transparecer sua desilusão, sua depressão, para com um mundo que não responde, geralmente, à busca de seus prazeres. Nesse desencanto com a realidade, subestima a vida, que não lhe oferece aquilo que ele coloca considera o desejável.

Corroborando com esse pensamento, Bauman, (1998), afirma que está se vivendo o mal-estar da pós-modernidade, pois, as relações estão esfaceladas e sem consistência deixando um vazio na existência humana.

Bauman (1998), ao discorrer sobre a falta de liberdade dos seres humanos, que vem gerando mal-estar nas relações humanas, na contemporaneidade, faz uma análise do livro *O mal estar da civilização* de Freud (1969), no qual a escolha pela troca de segurança, fez com que o ser humano tivesse que abrir mão de seus impulsos, submetendo-se à civilização.

> Em sua versão presente e pós-moderna, a modernidade parece ter encontrado a pedra filosofal que Freud repudiou como uma fantasia ingênua e perniciosa: ela pretende fundir os metais preciosos da ordem limpa e da limpeza ordeira diretamente a partir do ouro do humano, do demasiado humano reclamo de prazer, de sempre mais prazer e sempre aprazível prazer - um reclamo outrora desacreditado como base e condenado como autodestruitivo. Como se incólume - talvez mesmo fortalecida por dois séculos de concentrados esforços para conservá-la na luva de ferro das normas e regulamentos ditados pela razão-, a "mão invisível" recobrou a verdade e está uma vez mais prestigiada. A liberdade individual, outrora uma responsabilidade e um (talvez o) problema para todos para todos os edificadores da ordem, tornou-se o maior dos predicados e recursos na perpétua autocriação do universo humano. (BAUMAN, 1998, p.90).

O mal-estar da sociedade atual se consubstancia, sobretudo, na falta de liberdade, mas não apenas no âmbito do indivíduo, pois a falta de segurança, as incertezas do mundo do trabalho desestabilizaram as relações sociais deixando-as fluídas.

O homem light, que vem impactando as relações sociais. Dessa forma, as relações instituídas nas diversas esferas da sociedade passam a ter uma dimensão de confronto entre um ideal de homem universal, baseado em valores ética-moral e o homem light destituído desses atributos e caracterizado pelo egoísmo e pela falta de solidariedade.

Guattari (1999), propõe a "idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida." (ibidem, p.25). Para esse autor, as máquinas de produção de subjetividades variam. No sistema capitalístico[3], a produção industrial e organizacional se dá através de agenciamentos coletivos de enunciação.

> A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (GUATTARI, ROLNIK, 1999, p.31)

Nessa produção de subjetividades, estão envolvidos, segundo Guattari todos os profissionais que são chamados de trabalhadores sociais, dentre eles, os professores:

> Aquilo que se convencionou chamar de "trabalhador social" – jornalistas, psicólogos de todo tipo, assistentes sociais, educadores, animadores, gente que desenvolve qualquer tipo de trabalho pedagógico ou cultural em comunidades de periferia, e conjuntos habitacionais, etc. atua de alguma maneira na produção de subjetividade. Mas, também, quem não trabalha na produção social de subjetividade? (GUATTARI, ROLNIK, 1999, p.29)

[3] Para Guattari, o termo capitalístico designa não somente as sociedades capitalistas, mas também, todas os setores do Terceiro Mundo ou do capitalismo periférico que vivem uma relação de dependência do capitalismo. Essas sociedades não se diferem no modo de produção de subjetividades.

Sendo assim, a escola e os professores estão contingenciados a se inserirem na produção de novas subjetividades no mundo contemporâneo.

IV – Pós-Modernidade e seus impactos na educação

Tendo sido explicitados os "princípios" da Pós-modernidade e a formação do homem ligth, indaga-se: que fim restou à pedagogia que visava emancipar os homens da ignorância, da incultura e da subserviência, quando se constata que motivação, o "elan vital", que os levavam a lutarem para superar suas fragilidades e inconsistências já não existe? (SILVA, 2000).

Assim, o sonho priorizado na modernidade, expresso numa pedagogia vanguardista que buscava o crescimento humano foi descartado.

Nesse mundo, pós-moderno, multifacetado, imerso em um turbilhão de ofertas e seduções, não há espaço para o cultivo de experiências historicamente construídas, e a construção de um projeto educativo consistente. Dessa forma, e sem se sustentar por uma visão de mundo, o ser humano não consegue transcender o que ele é, não dando conta de discernir o circunstancial, do que deve perdurar.

A escola que nasceu das luzes, no redemoinho semiótico pós-moderno, não vem conseguindo, formar omnilateralmente o homem, fazendo-o capaz de, como cidadão, se inserir, criticamente, na sociedade e se engajar, com competência, no setor produtivo.

Barrère e Martuccelli (2001) analisam que a posição da escola está extremamente comprometida, na atualidade. Para eles, a escola encontra-se em um processo que se dicotomiza entre a agonia da moral e a renovação da

ética, e portanto, sem parâmetros capazes de contribuir para a formação plena do humano.

Os autores supracitados expressam os dilemas da escola, que refletem os conflitos da sociedade, que vive o desencanto frente à descrença dos valores constitutivos da modernidade, que se romperam, deixando um vazio e a perda da continuidade, que trazem desdobramentos no campo escolar.

A ocorrência das relações frágeis, vivenciadas no interior da escola tem feito com que o trabalho docente se torne um desafio. Os alunos mudaram, sintonizados que estão, com os contextos hodiernos, tornando-se indivíduos lights, que não assumem compromissos, que não se envolvem com os estudos e não envidam esforços para aprender.

Esse quadro leva tristeza aos professores:

> Ora, ora, todos os que trabalham com educação podemos dizer e, inclusive, testemunhar que somos tristes, isto é, que ao educar predominam paixões, forças reativas, ressentimentos e até mesmo infelicidades. Todos podemos dizer que essa tristeza é do tipo grave, pesada, uma carga, já que nossas ações educativas, julgam, medem, limitam, aniquilam a vida, sendo, em verdade, reações contra a vida vigorosa e exuberante. E se trata de uma tristeza imensa tão duradoura, que nos leva à exaustão, ao desejo de que chova muito para irem poucos alunos à aula, que haja greve, que chegue logo o término do turno ou, melhor ainda, as abençoadas férias. Improdutiva tristeza expressa em lamentações, queixa, nostalgia: nunca, nunca, nunca... Vamos encontrar a escola idealizada, o aluno sonhado, os colegas perfeitos. (CORAZZA, 2004, p.52).

Essa autora mostra a dura realidade da escola atual, na qual a tristeza está presente. Tristezas dos professores por não poderem ensinar aos idealizados alunos numa escola que perdeu a sua característica básica, assentada na premissa de formar cidadãos, para uma inserção social consciente.

Assim, está cada vez mais difícil o trabalho docente, com o adentramento dessa a geração ligth que cresce e reivindica seus "direitos", sem se ater tanto aos deveres e compromissos da vida em comum, quanto à necessidade de se engajar no estudo. e com o objetivo de aprender. Evidencia-se que:

> Os professores também se sentem mal e também se interrogam sobre qual é o seu papel nesta escola. Perderam aquilo que, em tempos, foi um "público garantido" submisso, disponível para aprender o que lhe era exigido ou para interiorizar, humildemente, que não eram capazes de aprender e enfrentam alunos que não gostam de estar na escola, até porque, fora dela, têm acesso a divertimentos e mesmo a fontes de informação muito mais aliciantes do que as que podem ser oferecidas pelos professores. Por seu turno, os professores, mais ou menos pacientemente, geralmente em situações de grande isolamento profissional tentam manter a ordem, tentam transmitir saberes e explicar as lições que prepararam (de acordo com currículos bastante cristalizados). Procuram ainda classificar os resultados de aprendizagens obtidos pelos seus alunos. É assim fácil perceber que o "mal–estar" na escola é uma realidade que, nos diferentes níveis de ensino, tem realmente vindo aumentar. (CORTESÃO, 2002, p.29 e 30)

Que escola é essa que está se forjando, na qual o professor não consegue assumir seus objetivos de educadores ?

Outras perguntas se destacam: qual seria a posição da escola frente a esses alunos descompromissados e destituídos de planos. Como devem agir os docentes para que os alunos acatem as normas construídas e os valores consagrados, sem se restringirem a um saudosismo, de um tempo que não irá retornar? Como a escola deve-se articular, para que se faça uma reflexão sobre o processo do devir, tendo em vista a de uma individualização, que cerceia cada sujeito, deixando-o hermético nas suas relações?

Os desafios da escola, enquanto instituição de formação de novas gerações convive com o dilema de ter diante dela uma realidade

multifacetada, que demanda ações que devem ser feitas, no sentido de formar sujeitos que sejam protagonistas e cidadãos.

Tendo em vista esta realidade, o papel do professor se complexifica e adquire uma maior responsabilidade, sobretudo, porque, a sala de aula, geralmente é composta por alunos descompromissados. Neste cenário, o professor deve assumir seu papel de educador e, enquanto tal, de modelo, para seus alunos.

Barrère e Martuccelli (2001) tecem críticas em relação a escola atual, sobre a perda de sua autoridade, e do respeito social, que eles acreditam que são decorrentes da dissociabilidade entre a moral e a ética. Esses autores enfatizam que a articulação entre a moral e a ética sempre foi um campo de tensão, entretanto, uma aproximação maior entre as duas, possibilitava uma certa harmonia. No entanto, o que se presencia, na atualidade é um confronto constante entre esses campos axiológicos.

Esses autores expressam os conflitos vivenciados pela escola que, para eles, estão relacionados a três dimensões da ética. A primeira se refere *à relação consigo mesma.* Nessa dimensão, os autores analisam a perspectiva da escola que tem em seu cerne, a preocupação com o ato de educar, valorizando a ordem mora,l em consonância com os objetivos da ética.

Essa escola que priorizava, no ocidente a transmissão de um modelo ético, ou seja, a "[...] a chave da *humanitas* e da *paidéia*: a capacidade de informar o indivíduo pela educação, a fim de transmitir sua forma verdadeira, sua natureza humana autêntica, independentemente das variações históricas." (BARRÈRE E MARTUCCELLI, 2001, p. 261 grifos dos autores), vem sendo, radicalmente, erradicado, a favor de uma escola pragmática e voltada para os interesses mercantis.

Essa alternância no "modelo" de escola é decorrente da conjuntura atual da sociedade em que a instituição escola é movida por determinações

nacionais e internacionais que, afetando o seu "ethos" acabam dela tirando o prestígio e os reconhecimentos societário e do setor produtivo.

A escola perde a sua essência, centrada em educar para formação de sujeito, capaz de se orientar por sua ética, e que hoje se apresenta como um sujeito vazio "cada vez mais consciente e reflexivo em suas técnicas e competências individuais e cada vez menos certo de seus ideais." (BARRÈRE E MARTUCCELLI, 2001, p. 262).

Nas escolas vem se evidenciando o acirramento do individualismo, que pode ser observado muitas vezes nos jovens, que se preocupam, apenas, com eles mesmos, segundo a lógica do hedonismo, do prazer egoístico e, muitas vezes, fugaz.

A escola, nesse sentido, se mostra desorientada, pois o antigo ideal de formação do homem culto e virtuoso se perdeu na contemporaneidade. Os alunos de hoje, centrados no seu mundo e seduzidos pelos apelos midiáticos, cada vez se afastam dos ideais educacionais e se aproximam de "valores" mercantis e individualistas.

Dessa forma, se evidencia uma relação dicotômica entre o idealizado pela escola e a realidade concreta dos jovens, impregnados pelos apelos do mercado e do individualismo. Presencia-se, assim, um cenário marcado pelo:

> [...] o culto ao desempenho tanto quanto o narcisismo da autenticidade conspiram, segundo eles, contra a possibilidade de sobrevivência de uma ordem moral. Desprovido de modelos éticos substantivos, o indivíduo limita-se a fazer malabarismos entre diferentes ideais, distintos e até contraditórios, em meio aos quais se limita a desenvolver estratégias contingentes, adaptadas e manipuladoras. (BARRÈRE E MARTUCCELLI, 2001, p. 265)

Nesse quadro delineado por uma postura no individualismo e na competitividade, da formação ética-moral vem sendo questionada e, conseqüentemente, desvalorizada. Estudar para que se a escola deixou de ser

uma instância que forma para o trabalho e para a ascensão social, indagam muitos jovens?

A escola passa a conviver com uma transformação profunda, pois, "[...] os indivíduos, que eram os termos últimos do processo institucional, estão agora no cume da hierarquia da ação; sua individualidade, antes concebida com a interiorização das coerções sociais, tornou-se o centro dessa integração." (BARRÈRE E MARTUCCELLI, 2001, p. 265)

A escola já desempenhou um papel político e ético de valorizar o respeito ao outro, expresso de certa forma, até o sacrifício, seja ele objetivado pelos ideais do espírito cristão, ou da moral patriótica, em relação ao outro. No entanto, esse modelo, na contemporaneidade, é rejeitado pela juventude, que não cultiva valores morais e éticos.

Assim, esse discurso de valorizar e de respeitar o "outro", inclusive o professor, não é aceito mais, sobre as bases das dimensões priorizadas anteriormente: a religiosa e a patriótica. A escola precisa articular um novo discurso, capaz de envolver os jovens e sensibilizá-los em relação ao "outro". Os autores Barrère e Martuccelli (2001) acreditam que caberá a escola o papel de viabilizar uma abertura para a carência de relações mais conscientes e reflexivas. Assim, eles apregoam, até mesmo, de uma ação de punitiva da escola, capaz de reorientar a vida dos alunos.

> A proibição de uma ação só se justifica pelos danos que supostamente introduz no desenrolar correto da vida escolar. Além disso, o sentido liminar da sanção evolui nessa direção: ela apenas é aplicada, em geral, quando a situação se revela extrema, para restabelecer o funcionamento normal das coisas. (BARRÈRE E MARTUCCELLI, 2001, p. 266).

As punições não devem se constituir como o centro das ações escolares, mas se justificam, na medida em que são usadas para promover o restabelecimento da normalidade e da disciplina.

As relações entre as pessoas, sobretudo, alunos e professores estão comprometidas e passam a interferir negativamente na comunicação que se estabelece entre eles. Para que ocorra a comunicação, parte-se do pressuposto de que é necessário que os interlocutores respeitem alguns princípios, sendo um deles o significado da mensagem e a alteridade, isto é, a consideração para com os interlocutores.

V - O trabalho docente: os impactos da denominada Pós-modernidade

O trabalho do professor vem, historicamente, sendo marcado pelo tutelamento que se consubstancia, inicialmente, pela Igreja e, posteriormente pelo Estado.

Essa constatação, levantada por teóricos como Tardif e Lessard, (2005), Nóvoa (1999 e 2000), e outros, evidencia a notória dependência docente as referidas instâncias, fazendo com que o professor, de fato, não tenha a autonomia necessária para exercer o magistério.

Além disso, a tendência atual, sobretudo, a ligada à educação a distância; vem promovendo um resgate do taylorismo, que se traduz na dicotomização entre concepção e execução. Assim, alguns poucos, concebem e elaboram os "pacotes" de trabalho e a grande maioria os executam. Neste contexto, os conceptores são valorizados e bem remunerados e os "executores", geralmente denominados tutores, são expropriados dos seus saberes se tornando "profissionais" facilmente substituíveis e, conseqüentemente, recebem baixos salários, não tendo cobertura trabalhista.

Acresce, ainda, que se constata uma intensificação do trabalho docente, pois, os professores se vêm submetidos além de suas exaustivas jornadas de trabalho, outras novas atribuições.

Neste sentido, os docentes vinculados à Educação Básica, foram, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96), responsabilizados pela execução de tarefas ligadas à elaboração e desenvolvimento do projeto Político Pedagógico e a manterem relações com a comunidade escolar.

No nível da Graduação e da Pós-Graduação, os docentes se vêm, por um lado, diante de turmas que cada vez mais, têm um número exagerado de alunos; por outro lado, estão sendo compelidos a um "produtivismo" exacerbado, para atenderem às determinações do Ministério da Educação e, sobretudo, da CAPES.

Acresce, ainda, que os docentes se sentem desvalorizados socialmente, vendo seus salários diminuídos, achatados e, assim, em muitos casos, se tornam verdadeiros proletariados do conhecimento.

Finalmente, suas práticas docentes vêm sendo impactadas pelos já referidos alunos lights, principalmente, no nível de ensino superior. Essa nova realidade configurada, tem trazido sérios desdobramentos nas suas vidas pessoal e profissional na ocorrência de variadas síndromes, que vêm acometendo os docentes, levando-os a estresses constante, que se traduz, sobretudo, no denominado mal-estar docente (ESTEVE, 1999).

Nesse cenário, muito professores desistem e abandonam a docência e outros continuam, mesmo sentindo "minadas" suas forças físicas e intelectuais e a este "fenômeno" é conferido o nome de presenteísmo, ou seja, o professor se faz presente, apesar de estar passando por um processo de adoecimento crescente. (PASCHOALINO, 2007).

Os professores contingenciados nesse emaranhado do educar da atualidade buscam o efetivar o seu papel de transformador, de poder interferir na vida de seus alunos.

Nesse aspecto, Paulo Freire (2005) já afirmava que cabe ao professor manter uma leitura atenta de seus alunos, de seus contextos e que, a partir de

situações concretas do cotidiano, possibilitar um interesse para avançar no saber.

> Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.
> Uma das questões centrais com que temos que lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é o ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denuncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. (FREIRE, 2005, p. 79).

A educação reflexiva possibilita a abertura para o outro e conseqüentemente uma comunicação fruída e prazerosa. O ato de educar os jovens de hoje, que estão imersos em seus mundos de individualismo e de consumo, requerer do professor essa perspicácia de tentar sensibilizar os jovens para a aprendizagem e para a vida em coletividade.

Roldão (2007) nos esclarece a complexidade do fazer do professor, frente às demandas múltiplas da sociedade contemporânea. A exigência de uma formação constante capaz de norteá-lo na difícil profissão docente.

Nessa perspectiva, a escola, especialmente na figura do professor, precisa estar atenta às mudanças que ocorrem com o grupo de alunos com os quais trabalha, e que traz relampejos da sociedade em mutação constante. E dessa forma, envolver com os alunos numa ação em que:

> [...] mobilizar implica convocar inteligentemente, articulando elementos de natureza diversa num todo complexo. De igual modo, e em paralelo com a mobilização, o conhecimento profissional docente, pela singularidade e imprevisibilidade das situações e das pessoas, requer questionamento permanente, quer da acção prática (mas não só dela, como induzem algumas

> leituras do senso comum diante do paradigma reflexivo), quer do conhecimento declarativo previamente adquirido, quer da experiência anterior. Como na construção do conhecimento cientifico formal, também aqui estas duas valências se configuram como essenciais ao desenvolvimento bem sucedido de uma acção socioprática tão complexa como ensinar. (RODÂO, 2007, p. 101- grifos da autora)

Para isso, o professor deve assumir sua autoridade, pois toda autoridade é constituída e precisa ser aceita, como um valor, que garante a liberdade. Na atualidade, contudo, muitas vezes, o professor se isenta de exercer a autoridade, para a qual está designada, uma autoridade que não se consubstancia em autoritarismo. Assim, a autoridade não é imposta, mas conquistada pelas competências teóricas, pedagógico-didática e humana do professor.

VI - Considerações Finais

No cenário da sociedade atual, assiste-se a fragilização dos Estados Nacionais, lócus privilegiado do exercício de uma prática política-cidadã, que perderam suas autonomia, tendo de aderir à uma política extraterritorial, que lhes impõe seus padrões e contingenciamentos.

Por sua vez, a sociedade civil, formada por pessoas humanas que estabeleciam laços e partilhavam biografias, foi se arrefecendo, dando lugar a um tecido social marcado por indivíduos que se caracterizam pelos: individualismo, falta de solidariedade, competição, narcisismo, egoísmo, consumismo, descomprometimento, niilismo, permissividade, hedonismo e relativismo. Por tudo isso, o homem deste início de século, está cada vez mais sozinho, dessubstancializado no seu eu, vazio na sua identidade.

Os reflexos desta sociedade estão impregnados nas pessoas que buscam a formação escolar, pois, é neste universo, em que vivem e se relacionam alunos e professores entre si, e com o saber. A partir desse "pano de fundo" da situação da sociedade atual e seus desdobramentos no campo educacional,

indaga-se: a educação contemporânea, conseguirá resgatar seu papel de formar sujeitos históricos, éticos, cidadãos aptos a se inscreverem, conscientemente, na sociedade? A escola conseguirá reverter a crise que vivencia, na atualidade, recuperando seu papel, sua identidade, seu prestigio social. Os professores conseguirão se tornarem verdadeiros profissionais, com salários dignos, com condições adequadas de trabalho, com autonomia e um código de ética que regule o exercício do magistério? O trabalho docente, sobretudo, o dos professores de nível superior e se tornará menos estressantes e menos voltado para a exigência do produtivismo, imposta pelos gestores educacionais?

Essas perguntas se avolumam à espera de respostas por parte da educação, e dos professores, que precisam ser capazes de buscar o ideal de mudança nos comportamentos das pessoas, especialmente dos alunos, e repensar o contexto escolar, encontrado os novos sentidos para o trabalho docente.

A reflexão proposta afiança questionar a fragilidade do trabalho docente frente às manifestações de um sujeito, que está revestido de valores e ações, que são reconhecidas no cenário da sociedade presente, no entanto, não condizem com a sustentabilidade de sociedade justa e comprometida com o progresso do ser humano.

Referências:

ARONOWITZ, Stanley. Postmodernism and politics, In: ROSS, Andrew (editor). *Universal Abandon?*; The politics of postmodernism. Minneapolis: University of Minnessota Press, 1989, p.47-61.

BARRÈRE, Anne; MARTUCCELLI, Danilo. School: between morality crisis and ethical renovation. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300014&script=sci_arttext . Acesso em 18 de fevereiro de 2007.

BARRETO, Marco Heleno. O desencanto de narciso- sobre a interpelação entre símbolo e razão. In: DUARTE e FIGUEIREDO (org.). *Mímesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*; tradução Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRASIL. Lei nº9394/96- 23 dez. 1996. Fixa diretrizes e bases da educação de 1º e 2º graus.

CHAUI, M. Vocação política e vocação científica da universidade.

Revista Educação Brasileira, v. 15, p. 11-26, 1994.

CORAZZA, Sandra Mara. Por que somos tão tristes? In: *Revista Pátio*- Ano VIII nº 30 Mai/Jul. 2004. p.51.-53.

CORTESÃO, Luiza*. Ser Professor: Um ofício em risco de extinção?* São Paulo: Editora Cortez, 2002.

ESTEVE, José Manuel. *O mal estar Docente: A sala de aula e a saúde dos Professores*. São Paulo: Edusc.1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia-saberes necessários à prática educativa*. 31º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREUD, Sigmund; STRACHEY, James; FREUD, Anna; STRACHEY, Alix; TYSON, Alan; SALOMÃO, Jayme. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, c1969. 24v.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica - Cartografias do Desejo.* 5 edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna –Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.* São Paulo: Editora Loyola, 2005.

NÓVOA, Antônio. (org.).*Vidas de Professores.* Porto: Editora Porto, 2000.

NÓVOA, Antônio. (org.). *Profissão Professor*. Porto: Editora Porto, 1999.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M. *Escola ou empresa?* Petrópolis: Vozes, 1994.

PASCHOALINO, Jussara. *Matizes do mal-estar dos professores: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio.* Faculdade de Educação/UFMG. 2007. Dissertação de Mestrado.

ROLDÂO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. . In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Apr.v.12 n.34, Rio de Janeiro: ANPED, 2007. p. 94 -103.

ROJAS, E. *O homem pós-moderno: a luta contra o vazio*. São Paulo: Mandarim, 1996.

SILVA, M. *Educação, modernidade e pós-modernidade*. Perspectiva. Florianópolis,
n. 18, p. 61-73, 2000.

TARDIF M. & LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.